

**SANTOS E SANTAS DEVOCIONAIS: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS VOTIVAS NA  
CIDADE DE SALVADOR, BAHIA, BRASIL (1701-1960)**

*DEVOTIONAL SAINTS AND SAINTS: A STUDY OF VOTIVE PRACTICES IN THE CITY OF  
SALVADOR, BAHIA, BRASIL (1701-1960)*

*SANTOS Y SANTAS DEVOCIONALES: UN ESTUDIO DE LAS PRÁCTICAS VOTIVAS EN  
LA CIUDAD DE SALVADOR, BAHIA, BRASIL (1701-1960)*

**Claudio Rafael Almeida de Souza<sup>1</sup>**  
claudiorafael.almeidadesouza@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é discutir o campo religioso baiano, mais precisamente as práticas votivas existentes em Salvador, Bahia, no período de 1701-1960, com o escrutínio dos diferentes tipos de santos de devoção existentes. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Como resultado, foram encontrados doze tipos mais comuns de santos de devoção, dentre os quais destaca-se: Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José, Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e Damião, Santa Rita de Cássia, Sant'Anna Mestra, Sant'Anna com Maria, Menino Jesus, Menino Jesus de Praga e Menino Jesus do Monte. Concluiu-se que as antigas práticas devocionais de Salvador, Bahia, foram substituídas por novos ritos no campo religioso baiano e os santos devocionais de hoje já não são os mesmos do período de 1701-1960.

**Palavras-chave:** santos devocionais; campo religioso; práticas votivas.

**ABSTRACT**

The objective of this article is to discuss the Bahian religious field, more precisely the votive practices that existed in Salvador, Bahia, in the period 1701-1960, with the scrutiny of the different types of devotional saints that existed. The methodology used was bibliographical, documentary and field research. As a result, twelve most common types of devotional saints were found, among which the following stand out: Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José, Nossa Lady Aparecida, Saint Cosmas and Damian, Saint Rita of Cassia, Saint Anna Mestra, Saint Anna with Mary, Baby Jesus, Baby Jesus of Prague and Baby Jesus of Mount. It was concluded that the old devotional practices of Salvador, Bahia, were replaced by new rites in the Bahian religious field and today's devotional saints are no longer the same as those from the period 1701-1960.

**Keywords:** devotional saints; religious field; votive practices.

---

<sup>1</sup>Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA) com concentração em História, Teoria e Processos. Especialista/MBA em Educação, Cultura e Diversidade (Centro Universitário Uniasselvi). Museólogo pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH/UFBA), com habilitação em Museus de História e Museus de Arte. Membro sócio da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Afiliado à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6413060457511445>.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7581-1025>.

## **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es discutir el campo religioso bahiano, más precisamente las prácticas votivas que existieron en Salvador de Bahía, en el período 1701-1960, con el escrutinio de los diferentes tipos de santos devocionales que existieron. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica, documental y de campo. Como resultado, se encontraron doce tipos de santos devocionales más comunes, entre los que se destacan: Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José, Nossa Lady Aparecida, San Cosme y Damián, Santa Rita de Casia, Santa Ana Mestra, Santa Ana con María, Niño Jesús, Niño Jesús de Praga y Niño Jesús del Monte. Se concluyó que las antiguas prácticas devocionales de Salvador de Bahía fueron reemplazadas por nuevos ritos en el campo religioso bahiano y los santos devocionales actuales ya no son los mismos que los del período 1701-1960.

**Palabras clave:** santos devocionales; campo religioso; prácticas votivas.

## **INTRODUÇÃO**

A religiosidade é um aspecto caracterizador do povo baiano. Suas crenças e costumes religiosos os tornam devotos singulares no território brasileiro. A cidade de São Salvador da Bahia, formada sob a égide do cristianismo, expandiu-se tendo como marcos limítrofes capelas e ermidas que, aos poucos, foram transformadas em imponentes igrejas, palco para os ritos católicos. Nas ruas da cidade, ampliada geograficamente além das portas do Carmo e de São Bento, oratórios públicos e nichos de fachadas de edifícios religiosos com santos e lâmpadas votivas foram construídos com a finalidade de se constituírem em *loci* devocionais para os transeuntes.

Conforme a historiadora Edilece Couto (2013), até o século XIX, Salvador era dividida em dez freguesias, que, após a Proclamação da República, passaram a ser chamadas de distritos. A freguesia da Sé era o centro administrativo, político, judiciário e religioso de Salvador. Nela se encontravam os palácios do governo e episcopal, a Câmara, a cadeia, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (primeira catedral, antes da construção da Sé), a Santa Casa de Misericórdia, a Igreja da Sé, o convento dos franciscanos, a antiga igreja da Companhia de Jesus, o Colégio dos Jesuítas (Faculdade de Medicina) e as ordens terceiras de São Francisco e São Domingos.

A cidade de Salvador foi a primeira capital do Brasil e nela estão as mais antigas tradições e costumes relacionados à religião brasileira. O fervor e a religiosidade de seus habitantes, devido ao seu convívio constante e estreito com os jesuítas e as influências europeias, tendeu mais para o ato de externar a fé do que para o entendimento mais profundo da doutrina católica cristã, propriamente dita. O trecho “Bahia de Todos os Santos, Encantos e Axés”, da música de Armandinho e Morais Moreira, tocada no trio elétrico de Dodô e Osmar, intitulada *Chame Gente* (Macedo; Pires, 1985), assim como o guia de Jorge Amado (2012), intitulado *Bahia de*

*Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios*, e o livro de Gilberto Freyre (2018) reafirmam essa tradição e costumes, em conotação e alusão à baía geograficamente circundada e também à escolha de devoção aos santos do hagiológico cristão do imaginário popular, muitas vezes sincretizados pelo povo de santo e vice-versa.

Este artigo tem como objetivo discutir o campo religioso baiano, mais precisamente as práticas votivas existentes em Salvador, Bahia, no período de 1701-1960, com o escrutínio dos diferentes tipos de santos de devoção existentes. Para tanto, balizou-se em dados referentes à pesquisa iniciada em 2017, que resultou na Dissertação de Mestrado em Artes Visuais do autor, intitulada *Oratórios em Salvador, Bahia: Materialidade, Visualidade e Devoção* (Souza, 2022), que utilizou dados do universo de 85 exemplares de oratórios em diferentes contextos.

## **BAHIA DE TODOS OS SANTOS, ENCANTOS E AXÉS**

Em terras baianas, não são dos ambientes eclesiásticos as únicas práticas e ambientes de culto do povo baiano. Há também devotos que destinam, nas residências, um espaço para o culto dos seus santos, ancestrais e orixás de devoção, costumes e crenças herdados de portugueses, indígenas e africanos enraizados na religiosidade baiana.

Para Couto (2013), os africanos e seus descendentes também se reuniam em irmandades. Eles utilizavam o critério de nação e agrupavam-se da seguinte forma: angolanos e congoleses formavam a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (igreja da freguesia do Passo, atual Pelourinho); os daomeanos reuniam-se na irmandade de Nossa Senhora das Necessidades e Redenção (capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa); e as mulheres nagô-yorubas fundaram a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte (igreja da Barroquinha). Os negros nascidos no Brasil formavam a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios (altar lateral da Igreja da Conceição da Praia); os pardos reuniam-se nas irmandades de Nosso Senhor Bom Jesus da Cruz (igreja da Palma), Nosso Senhor Bom Jesus da Paciência (igreja de São Pedro) e Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão (na própria igreja).

Desse modo, identifica-se que a história do Brasil e o projeto colonial ficaram conhecidos pela destruição de indígenas e negros, devido à extinção de suas crenças, danças e músicas. Enquanto a maioria dos indígenas fugiu ou foi dizimada, poucos se aculturaram. Quanto aos africanos, necessários como mão de obra escrava, foram mantidos junto às residências de seus proprietários. Tendo seus cultos ancestrais reprimidos em favor da crença católica, os africanos, de um lado, criaram uma prática religiosa que envolve as divindades de suas culturas e, de outro, engajaram-se ao catolicismo. Desse fator, resultou uma cultura religiosa original, quase essencialmente baiana, que tanto pode ser católica quanto envolvida

nos ritos do candomblé, da umbanda e até mesmo do protestantismo, inserido na Bahia por volta das primeiras décadas do século XX (Souza, 2022).

A religião católica, com o decorrer dos anos, marcou o calendário de festas na Bahia, reforçado pela religião afro-brasileira. Por isso, diz-se que a religião predominante do povo baiano deixou de ser o catolicismo, ainda que, por ela, inúmeras igrejas tenham sido construídas. Conforme a Arquidiocese de São Salvador, a cidade possui atualmente um número bem maior que as 365 igrejas que permeiam o imaginário popular. São várias dezenas de templos de grande valor histórico e quatro basílicas. Todas essas igrejas, construídas entre os séculos XVI e XVIII, são consideradas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac-BA) como patrimônios históricos e arquitetônicos (Souza, 2022).

Embora possua também um grande número de outras religiões, igrejas, templos, terreiros e espaços domésticos destinados às crenças dissociadas ou totalmente mescladas por todo o estado, é muito comum a cena de uma filha de santo rezando ao Senhor do Bonfim ou um católico oferecendo caruru aos Ibejis e/ou aos santos católicos São Cosme e São Damião. Isso mostra o “sincretismo” religioso tão presente nas festas católicas, resultado do tempo em que negros disfarçavam o culto aos seus deuses através de ícones do catolicismo. O interessante nesse sincretismo religioso é que os símbolos, as festas e as imagens de culto retratam a religiosidade baiana que, por sua tradição, assume uma diversidade memorável (Souza, 2022).

Quando se fala sobre sincretismo, segue-se o pensamento de Ferretti (2007, p. 4), que explica:

O sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa assim um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma ‘reinvenção de significados’ e uma ‘circularidade de culturas’. Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores também trouxeram da África e, eles e seus descendentes, ampliaram no Brasil. Em decorrência do sincretismo, podemos dizer que as religiões afro-brasileiras têm algo de africanas e de brasileiras sendo, porém diferentes das matrizes que as geraram.

## **RELIGIOSIDADE DOMÉSTICA SOTEROPOLITANA**

A religiosidade é algo inerente à natureza humana. Advém da necessidade de crer, de encontrar o sentido da gênese e do escaton<sup>2</sup>, de garantir a segurança pessoal aqui e além. Em termos religiosos, implica a fé e a admissão do sagrado. Reside no âmbito dos sentimentos. Dentro da religião, a religiosidade está inserida na dimensão ontológica e axiológica. Não

---

<sup>2</sup> “Páscoa, passagem da escravidão para a liberdade (êxodo); do velho homem/mulher para o novo homem/mulher (cartas paulinas); da morte para a vida (apocalipse). Páscoa de Jesus (ressurreição)! Páscoa dos cristãos (escaton, parusia)! É nesse contexto que entendemos que a palavra final não é desesperança, morte, mas justamente o contrário: a eternidade e perenidade da Existência. Eis o significado mais profundo da Páscoa. A morte é só parte do processo e não detém a vida.” (Catequista, [ca. 2018], grifo do autor).

obstante, pode ser definidora dela, dando relevo às outras manifestações imateriais e irracionais (Souza, 2022). Conforme Siqueira (2010, p. 148) “[...] no sentido lato há uma crença no imaterial em que se situam forças possíveis de serem dominadas e postas a serviço de necessidades e aspirações do presente. Num domínio que reforça ou confere poder”.

Na Bahia de outrora, a cidade de São Salvador era, por excelência, episcopal. Formada sob a égide do cristianismo, expandiram-se, pelas ruas da cidade, lócus devocionais que serviam para a prática religiosa dos transeuntes. Estes, aos poucos, mantiveram-se aptos a praticar o lado religioso nas suas residências. Para essa prática religiosa no espaço doméstico, foi necessário adquirir alguns tipos de objetos e móveis religiosos (Souza, 2022).

Essa prática justificou-se também pela efervescência e religiosidade dos habitantes da cidade, que os levou a tenderem mais para o ato de externar a fé publicamente, através de práticas religiosas originárias do ambiente eclesiástico, do que para o entendimento mais profundo da doutrina cristã católica (Souza, 2022).

Contudo, o dinamismo da vida religiosa dos baianos não era revelado por inteiro nos espaços públicos que os olhos observadores alcançavam. Houve colonos que destinavam um espaço na residência ao culto dos seus santos. No íntimo das residências, a devoção familiar palpitava no quarto dos santos, no canto da casa reservado ao oratório ou nos registros dos santos em quadros nas paredes (Souza, 2022). Consoante Silva (2000), a devoção que destacava o caráter da espiritualidade de sacerdotes cristãos e leigos estava presente nas imagens expostas nos locais públicos de culto e também nos reservados.

O uso de um espaço destinado ao culto doméstico inicia-se no período da colônia e tem maior popularidade nos séculos XVII e XVIII, quando não houve sequer um senhor branco, por mais apático que fosse, que se furtasse ao sagrado esforço de rezar ajoelhado diante dos nichos, às vezes, preces quase sem fim tiradas por negros e mulatos (Souza, 2022).

Descrevendo os aspectos da religiosidade colonial na Bahia, Gilberto Freyre (2000) menciona que o fato de o brasileiro colonial ter sempre em sua casa lugar destinado ao culto divino demonstrava respeito a sua religião. Era obrigação rezar nos oratórios, e a maioria dos colonos andava

[...] de rosário na mão, bentos, relicários, patuás e santo-antônios pendurados no pescoço [...] Dentro de casa rezava-se de manhã, à hora das refeições, ao meio-dia e de noite, no quarto de santo, onde os escravos acompanhavam os brancos no terço e na salve-rainha. Esses quartos eram compostos por diversas imagens e quem tinha um quarto desse muito possuía em imagens e fé (Freyre, 2000, p. 651).

A cronista e folclorista Hildegardes Vianna (1973), recordando os costumes baianos, define o quarto de santo encontrado nas residências oitocentistas e novecentistas como um cômodo de tamanho pequeno ou grande, uma nesga de espaço debaixo da escada que conduzia ao sótão ou cômodo para guarda de imagens em um dormitório ocupado por pessoas idosas,

contemplativas, que se vangloriavam de dormir bem acompanhadas pelos emissários celestes. Nesse quarto, todas as alegrias e tristezas eram relatadas entre preces aos bentos, simulacros bem-guardados em um nicho de madeira forte, torneado e envernizado, sobre banquetas de pés sólidos, lindamente recobertas por toalhas magníficas. “Nas paredes do quarto, em quadros expressivos, outros tantos santos e bem-aventurados repetiam a mesma iconografia das imagens fora ou ao redor dos nichos cheios de bentinhos, medidas, rosários e cordões bentos” (Vianna, 1973, p. 17). Também continha os retratos de entes queridos falecidos, avós, tios, parentes e amigos, num eterno preito de saudade. Tudo de acordo com as posses de cada qual.

Nicho é sinônimo de oratório. Essa definição basicamente se assemelha na maioria das fontes pesquisadas. Corona e Lemos (1989, p. 346-347), por exemplo, afirmam que

Antigamente o termo designava o compartimento onde eram guardadas imagens sacras e onde se rezava, inclusive a santa missa. Seria quase que uma capela no interior de uma construção: habitação, hospital, cadeia, escola etc. Havia também, os oratórios em forma de nichos externos, nas fachadas dos edifícios, destinados a imagens cultuadas publicamente. Hoje em dia o termo praticamente só designa o pequeno armário, ou caixa, destinada à guarda domiciliar de pequenas imagens santas. Nome da sala, provida de altar, em que, nas cadeias, os presos esperavam a hora da execução.

Na Bahia antiga, o nicho ou oratório recebeu bastante atenção na religiosidade intimista baiana. Flexor (2009) relata que, na vida doméstica, não poderia faltar um oratório. Independente da classe social dos seus proprietários, esse móvel de devoção foi utilizado em número maior que os outros móveis. Configurou, no interior dos sobrados das famílias abastadas e também nas singelas casas com paredes de taipa, papel principal no exercício religioso dos católicos baianos. Esses invólucros possuíam variedades de formas e tamanhos, e completavam, juntamente com presépios, painéis do Divino Espírito Santo e/ou lâminas dos Santos, o ambiente de oração do católico devotado ao sagrado.

Existiram casos de devoção particular. Quase toda casa possuía, em seu oratório, as principais imagens da hierarquia instituída pelo Concílio de Trento e confirmada nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*: a imagem de Cristo Crucificado, em cruz e calvário, e de Nossa Senhora da Conceição e ainda a de Nossa Senhora de Santana, por estar associada à figura de Maria, a do santo português Santo Antônio e a do protetor da cidade, São Francisco Xavier. Essa constância, entretanto, não era gratuita. Entre as importantes imagens da hierarquia tridentina<sup>3</sup>, a imagem de São Pedro foi a única não tão frequente, tanto na devoção pública quanto na doméstica<sup>4</sup>. As Constituições estabeleciam, até mesmo, o modo de relação que o fiel possuía com a corte celestial e o modo de culto a cada santo (Souza, 2022).

---

<sup>3</sup> A hierarquia de santos impostas pelo Concílio de Trento (1545-1563).

<sup>4</sup> Na pesquisa, não foram encontrados indícios de imagens de São Pedro. Possivelmente a devoção não era tão grande quanto a das imagens encontradas, que aludem ao Concílio de Trento.

Como a religiosidade doméstica dos devotos baianos era acompanhada pelo clero, Flexor (2010) relembra, por meio da memória escrita, que existiram episódios de acusação, considerada uma instituição legal, tanto no mundo leigo quanto no religioso. Sendo assim, os devotos tinham medo de serem apontados como idólatras, e isso evitou que aumentasse o número de imagens de santos nos oratórios domésticos.

## **SANTOS DE DEVOÇÃO DOMÉSTICA**

O campo religioso baiano e principalmente soteropolitano estabeleceu, desde a época das casas coloniais, que os santos, que moravam nas residências fossem e se tornassem maior presença entre as posses do *homo religiósus*. Para isso, conforme Mircea Eliade (1992), o sagrado açambarca, espalha-se, contamina e faz-se presente em todo o mundo, extrapolando limites e fronteiras espaciais e temporais. Como tal, pode ser experienciado em todos os lugares construídos e consagrados para tal finalidade, isto é, espaços destinados a afinidades, como as que pertencem à vida cotidiana do Homem.

Sendo assim, o íntimo da casa, o espaço doméstico, onde, por excelência, a vida se manifesta em concepções, nascimentos, crescimentos, mortes, dores e alegrias, medos e esperanças, instância primeira do processo de socialização e construção das identidades, lugar da conservação da memória e de projetos de futuro, de transmissão de crença e de valores espaço de aconchego e salvação, é também lugar de profundas experiências de sacralidade expressas por meio de rituais religiosos (Souza, 2022).

Para tanto, o imaginário popular católico doméstico é povoado por uma infinidade de seres sobrenaturais. Os santos e os anjos integram essa população celeste, que se caracteriza pela faculdade de uma dupla presença: mora no céu, estão na companhia de Deus e, ao mesmo tempo, estão na terra, habitando igrejas e, principalmente, casas, nas quais se fazem presentes e se relacionam com as pessoas (Souza, 2022).

A presença, nas casas, de imagens, estampas, quadros e cruzeiros pregados nas paredes ou arranjados no interior de oratórios remonta ao período colonial, sendo encontrados na casa sertaneja ou caipira, nas sedes das fazendas, como também em residências simples e abastadas da cidade grande. Distribuídos pelas salas, quartos, copas e cozinha, ornamentados com flores, fitas e outros adereços, o sagrado mistura-se e participa com total intimidade dos afazeres e acontecimentos domésticos (Souza, 2022).

Conforme Maria Ângela Vilhena (2005), por meio de cumprimentos matinais e noturnos, repetidos a cada vez que se sai ou se entra na casa, de persignações, orações, velas e oferendas, santos e anjos, ao sabor de suas especialidades, são invocados a cada momento no

correr das aflições da vida diária. A familiaridade que se estabelece com eles permite aos moradores venerá-los ou castigá-los, virando-os para a parede, colocando-os de ponta cabeça, tirando-os de seu lugar de honra até que atendam aos pedidos de seus devotos. Esses cultos domésticos aos santos constituem uma das características mais marcantes da religiosidade brasileira. O trato ritual diário com os santos da casa, com os protetores do lar, cuidadores de todos e de cada um, expressa uma experiência religiosa laica, aprendida por simples familiaridade, calcada na tradição, na afetividade, no contato e nas trocas diretas com o sagrado, sem necessidade da intermediação de especialistas, como os sacerdotes (Souza, 2022).

Entretanto, quando praticados por leigos que se entendem justificados e aptos para tal, esses cultos consistem em formas de expressão da convicção interna, segundo a qual a administração do sagrado não é restrita ao corpo eclesiástico, reafirmando, concomitantemente, que o sagrado transborda aos templos (Souza, 2022).

Diversos historiadores, como Pedro de Oliveira (1985) e Kátia Mattoso (1992), afirmam que, na instância do culto individual e doméstico do catolicismo popular, os santos são protegidos ou não em oratórios, que se tornam o centro da religiosidade, e ocupam um espaço reservado em cada casa. Nessa religiosidade, a relação entre os devotos e os santos devocionais é dividida em dois modos básicos: o modo contratual e o modo de aliança.

O modo contratual, conforme aponta Oliveira (1985) e esclarece Mattoso (1992), é aquele pelo qual o fiel pede uma graça ao santo, obrigando-se a um culto pelo qual o santo será recompensado pela graça alcançada. Seria uma espécie de contrato, onde as partes acordadas firmam uma parceria para o alcance de um objetivo. Esse acordo também pode ser chamado de promessa, embora, no modo de aliança, o que está no cerne não é uma graça determinada, mas uma relação constante de devoção e proteção. O devoto cultua o santo para agradá-lo, independente da necessidade. Em troca disto, seu santo de devoção deve protegê-lo todo o tempo. Esta é uma relação de troca e fundamenta uma determinada intimidade enraizada entre o devoto e o santo de devoção.

Apesar disto, além da influência católica, a religiosidade do povo baiano também sofreu influência da religião dos povos africanos, transplantados para a colônia brasileira pelo então vigente sistema escravocrata, e dos povos nativos indígenas, que também foram catequizados pelos missionários jesuítas. Ao longo dos séculos, sofre modificações simplórias, mas, no âmbito da troca de aculturação, o principal está sendo mantido até os dias atuais. Desse modo, a vida cotidiana se desenrola sob o signo da religião (Souza, 2022).

Afinal, quem em sua vida nunca se curvou perante um altar e orou fervorosamente, orações ensinadas pelos pais, tias ou avós, rezas encontradas em “santinhos”, passadas através de gerações? As súplicas ao “divino” é segredo. O milagre, a graça, e o clamor são feitos no recolhimento silencioso e na voz que ecoa nas rezas que são reinventadas em casa, ambiente íntimo. Nesse momento, muitas vezes, o portal de comunicação entre o céu e a terra é o altar de Santo Antônio (Souza, 2022).

Como visto, esses ritos, praticados por devotos que acreditam estar justificados e hábeis para o propósito, consistem em formas de expressão da convicção interna, segundo a qual gerenciar o sagrado não é restrito ao corpo eclesiástico. Reafirma-se, concomitantemente, que o sagrado está além dos templos, podendo habitar as casas do povo, santificando-as e protegendo-as com sua celestial presença. Assim, os populares manifestam certo grau de autonomia e intimidade em relação à instituição religiosa e, paradoxalmente, expressam total dependência do sagrado para ações da vida cotidiana, onde encontram, em si mesmos, dignidade suficiente para conduzir, por meio do protagonismo de rituais, as relações entre eles e os entes celestiais, eminentes na aura das estátuas e/ou estatuetas dos santos devocionais (Souza, 2022).

## **SANTOS DEVOCIONAIS: PRÁTICAS VOTIVAS DE UMA RELIGIOSIDADE**

Busca-se, neste artigo, explicar a razão de uma quantidade significativa de santos devocionais hoje não serem mais utilizados no exercício religioso baiano. São práticas resultantes dos modos de vida que se explicam a partir da necessidade de entender o meio pelo qual os santos devotados encontram abrigo em oratórios públicos e privados e os meios pelos quais se fazem pertinentes no imaginário da religiosidade popular, que imbrica novos meios de produção, na medida em que a fé católica é necessária para o atendimento dos fiéis devotados.

Na pesquisa de campo realizada em diferentes contextos, como, por exemplo, capelas, residências, antiquários e museus, além de pesquisas em fontes primárias, como cerca de 150 inventários, testamentos e autos de partilha de 1701 a 1960, situados no Arquivo Público do Estado da Bahia, foram identificados os santos devocionais listados no Quadro 1. O cruzamento desses dados possibilitou a identificação de 47 tipos de santos no universo de 185 exemplares presentes na religião do católico ou simpatizante da religião católica. Entre esses, tiveram maior incidência: Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José, Nossa Senhora Aparecida, Menino Jesus, Menino Jesus do Monte, Menino Jesus de Praga, São Cosme e São Damião, Santa Rita de Cássia, Sant’Anna Mestra e Sant’Anna com Maria.

Quadro 1 – Santos em Oratórios, Inventários, Testamentos e Autos de partilha

| Nome                              | Quantidade | Tamanho   | Técnica          | Material                 |
|-----------------------------------|------------|-----------|------------------|--------------------------|
| A caminho de Belém                | 1          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Buda                              | 4          | Estatueta | Moldagem         | Gesso e Pigmento         |
| Coração de Jesus                  | 2          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Cristo na Pedra                   | 2          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Cristo sem Cruz                   | 2          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Menino Jesus                      | 5          | Estatueta | Entalhe          | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Menino Jesus de Praga             | 8          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Menino Jesus do Monte             | 7          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora do Perpetuo Socorro | 3          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora Desatadora de Nós   | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora Aparecida           | 8          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora da Conceição        | 27         | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora da Soledade         | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora das Graças          | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora de Fátima           | 3          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Nossa Senhora de Nazaré           | 2          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Padre Cicero                      | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Presépio                          | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Sacrifício de Abraão              | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Sagrada Família                   | 1          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Sagrado Coração de Jesus          | 2          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Sant' Anna com Maria              | 4          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Sant' Anna Mestra                 | 5          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Bárbara                     | 3          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Dulce                       | 1          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Efigênia                    | 1          | Estatueta | Entalhe          | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Luzia                       | 2          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Rita de Cássia              | 6          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santo Antônio                     | 18         | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santo Expedito                    | 4          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Benedito                      | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Cosme e Damião                | 6          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Francisco                     | 3          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Gerônimo                      | 2          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São José                          | 9          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Lázaro                        | 2          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Manoel                        | 1          | Estatueta | Entalhe          | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Pedro                         | 5          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Roque                         | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| São Sebastião                     | 1          | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Mãe Rainha Três Vezes Admirável   | 1          | Estatueta | Recorte          | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Senhor do Bonfim                  | 21         | Estatueta | Moldagem\Entalhe | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Santa Terezinha do Menino Jesus   | 1          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| Virgem Maria                      | 4          | Estatueta | Moldagem         | Madeira\Gesso e Pigmento |
| <b>Total</b>                      | <b>185</b> |           |                  |                          |

Fonte: o autor, 2022.

As designações estátua e estatueta decorrem do tamanho dos santos encontrados e da variação dos tipos pelo tamanho. Desse modo, no quadro, classifica-se como estatueta quando

mede até 60 cm. Na especificação da técnica prevalece a moldagem, quando em material de gesso, e entalhe, quando de madeira, sempre com pigmento que se apresenta em diferentes tonalidades. Leva-se em conta que a cromaticidade das peças é apresentada algumas vezes com base nos cânones da escola baiana de imaginária, mas, outras vezes, não, como é o caso das imagens mais modernas, que são apresentadas sem ornamentação, como flores, florões e douramento.

Quanto aos títulos de santos localizados em oratórios, o fato de a maior quantidade ter sido encontrada em museus e antiquários, torna-se necessário ir em busca de vestígios desses em residências, já que vão mudando as formas e as práticas religiosas no decorrer do tempo.

Entende-se que as mudanças ocasionadas pelo passar do tempo nos santos de devoção alteraram os materiais com os quais estátuas e estatuetas foram confeccionadas, seja pela moldagem, seja pelo entalhe na madeira ou gesso com pigmento, modificando a perspectiva, passando-se a acreditar que determinados santos são obras de arte. Isso presume que a qualidade e a perspectiva de identificar tal santo devocional como obra de arte ressignifica os meios de produção, que assumem caráter de série e desvinculam-se da necessidade de chamar ou criar obras de arte, como se fazia do início à metade do período (1701-1960).

Quanto às práticas votivas, se dão na medida em que fiéis procuram santos para um diálogo de pertencimento e também pelo fato de buscar ajuda no momento da necessidade de resolução de conflitos ou problemas. Isso significa que o fiel procura o santo em dois momentos: o primeiro, é o interesse do milagre ou da resolução de problemas; e o segundo, é por algum fator que o aflige em toda sua vida, para o intuito de proteção e/ou consagração. Quando as situações se tornam presentes no dia a dia, o fiel recorre ao santo da devoção, ainda que ocorram outras práticas religiosas em torno da fé e outras religiões sejam buscadas. As que mais se aproximam dos interesses dos homens são o catolicismo e o protestantismo (Souza, 2022).

Desse modo, segundo Sanchez (2010, p. 37):

Falar em pluralismo religioso, na atualidade, é o mesmo que falar em um modo de compreensão da religião que ultrapassa os limites da tradição. As diversas expressões religiosas, cada vez mais centradas no sujeito, acabam se traduzindo numa série de recortes no universo dos símbolos e das práticas. Esses recortes, muitas vezes, não se vinculam à tradição. E, quando isso acontece, a tradição é entendida como algo a ser recriado, dando origem a uma “nova tradição”, que incorpora elementos de diversas experiências daqueles que estão inseridos no campo religioso.

O campo religioso soteropolitano, como o brasileiro, caracterizou-se,

[...] até o final do século XIX, pela hegemonia e monopólio legal por parte do catolicismo, em decorrência da configuração do projeto colonial implantado no Brasil. Essa posição privilegiada ocupada pelo catolicismo deveu-se tanto ao lugar ocupado pelo catolicismo no projeto colonial como também à subordinação das estruturas eclesiásticas ao governo português decorrente do regime de padroado, que foi conquistado por Portugal no âmbito da cruzada para expulsar árabes dos territórios portugueses (Sanchez, 2010, p. 117-118).

Hoje o campo religioso em terras baianas herda e permite que as práticas religiosas sempre sejam originárias dos templos eclesiásticos, compondo todos eles um quadro iconográfico muito característico. Entretanto, não são essas as únicas práticas e ambientes de culto do povo baiano. Há também devotos que ainda destinam um espaço na residência ao culto dos seus santos, ancestrais e orixás de devoção, costumes e crenças herdados de portugueses, indígenas e africanos (Souza, 2022).

## **FESTAS E PROCISSÕES**

As festas e as procissões são formas de exteriorização da fé, de propagação do culto religioso e da consagração do júbilo cristão e também um préstito público de reafirmação dos símbolos da cristandade que, no passado, reunia, em torno das suas relíquias, o clero e a massa de fiéis. Na época moderna, o sagrado precedia as atividades cívicas, as reuniões de cortes, aclamações de reis até a abertura de sessões nas Relações e outras instituições. A religião estava inserida em diversas esferas de atuação do Estado, imbricada nas suas ações, fortalecendo e legitimando o poder central (Gouveia, 2001).

As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (Monteiro da Vide, 2011, livro III, título XIII, 1720, p. 199) referem-se às procissões como “[...] uma oração pública feita a Deus por um comum ajuntamento de fiéis dispostos em certa ordem, que vai de um lugar sagrado ao outro lugar sagrado”. Afirmam que se trata de uma tradição tão antiga, que seu uso remonta ao tempo dos Apóstolos. No entanto, H. Janson e A. Janson (2001) afirmam que, dentro do espírito de exaltação e glória promovido pelos romanos ao seu governante, sabe-se que realizavam procissões solenes dirigidas pelo próprio imperador, exaltando os feitos de proeza. A igreja católica se apropriou da prática pagã, conferindo um sentido religioso.

Sobre as procissões do estado, a obra de maior destaque sobre esse tema não foi escrita por um historiador de formação, mas pelo engenheiro e geógrafo João da Silva Campos (1941). Trata-se de *Procissões Tradicionais da Bahia*, obra póstuma. Interessado em montar um panorama das festividades baianas, Campos (1941) apresenta um breve histórico de cada solenidade – as extintas e as que continuavam a existir – e sua inserção na sociedade. Ao longo

de toda a obra, transcreve diversos documentos retirados, em boa parte, de fontes secundárias impressas, como jornais ou outras publicações, não apresentando, diversas vezes, a origem de um documento ou citação – deficiência suprida, em parte, pelo editor da segunda edição publicada em 2001.

O autor levanta inúmeras questões para as quais não oferece respostas e deixa algumas lacunas documentais e interpretativas no decorrer da exposição. Dessa forma, apenas expõe as informações retiradas dos documentos, não empreendendo nenhuma análise mais profunda acerca desses movimentos processionais. Apesar das suas limitações, a obra de Campos é de singular importância e, de certa forma, seguiu-se os passos apontados por ele, para elencar as procissões extintas e as ainda existentes no estado, principalmente em Salvador.

Entre as procissões tradicionais da Bahia atualmente extintas, mas que se encontram vestígios em imagens de azulejos, postais e fotografias em museus e igrejas da cidade, estão: Rasoura, Quarenta horas, Senhor dos Passos dos Humildes, Triunfo, Fogaréus, Senhor dos Martírios, Nossa Senhora das Angústias, Senhor da Cruz, Terço, Onze Mil Virgens, Ossos e Procissões reais ou da Câmara.

As ainda existentes, são: Senhor dos Navegantes, Nossa Senhora da Boa Viagem, Senhor dos Passos da Ajuda, Senhor Bom Jesus da Paciência, Senhor Bom Jesus dos Passos da Regeneração, Senhor da Redenção, Enterro do Senhor, Ressurreição, São José, São Benedito, São Francisco Xavier, Corpo de Deus, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da boa morte, Nossa Senhora do Rosário das Portas do Carmo, São Pedro Gonsalves, Nossa Senhora da Conceição da Praia, Santa Bárbara, São Lazaro, São Roque, Santa Luzia e Nosso Senhor do Bonfim. Contudo, as seis últimas alcançam uma quantidade maior de fiéis nas ruas da cidade, sendo a de maior popularidade, na capital baiana, a do Nosso Senhor do Bonfim.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo discutiu o campo religioso baiano, mais precisamente as práticas votivas existentes em Salvador, Bahia, no período de 1701-1960, com o escrutínio dos diferentes tipos de santos de devoção existentes.

Nas práticas votivas que ocorriam em Salvador do período estudado, a relação entre santos e pessoas era potencializada por práticas rituais de caráter devocional. As orações de louvor, pedido e agradecimento proferidas em voz alta ou apenas em pensamentos, ladainhas, novenas, tríduos, oferta de flores e velas, reverência, beijos, cumprimentos, persignaões, bilhetes e cânticos, integravam esses rituais, que podiam ser praticados espontaneamente ou sob a direção de sacerdotes, tanto nas igrejas, como nos cruzeiros e também nas casas dos devotos.

As antigas práticas devocionais têm sido substituídas por novos ritos no campo religioso baiano. Agora em desuso, elas decorrem da quantidade significativa de santos que se opuseram aos desejos e sentimentos religiosos dos fiéis, implicando, assim, na necessidade de encontrar novos santos para serem devotados. As novas práticas adotadas permitiram compreender que os santos devocionais de hoje, algumas vezes são os mesmos do período de 1701-1960. Além disso, o fato de encontrar quantidade significativa de santos devocionais em antiquários e museus permitiu presumir-se que as devoções aos santos não deixaram de existir com o tempo, mas foram ora modificadas, ora consolidadas com o passar do tempo. Tal percepção possibilitou presumir-se a criação em massa de santos em diferentes técnicas e materiais.

Como resultado foram encontrados treze tipos mais comuns de santos devocionais na cidade de Salvador: Nossa Senhora da Conceição, Senhor do Bonfim, Santo Antônio, São José, Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e São Damião, Santa Rita de Cássia, Sant'Anna Mestra, Sant'Anna com Maria, Menino Jesus, Menino Jesus de Praga e Menino Jesus do Monte.

Concluiu-se que essa escolha de devoção aos santos do hagiológico cristão do imaginário popular, muitas vezes sincretizados pelo povo de santo e vice-versa, implicou numa religiosidade heterogênea, que sofria, muitas vezes, uma “simbiose político cultural” que manipulava e continua manipulando o imaginário cristão de Salvador.

O estudo iniciado em 2017 e finalizado em 2022 como Dissertação de Mestrado foi importante para se conhecer o campo religioso baiano, mais especificamente os santos de devoção e como essa devoção era praticada pelos devotos no período de 1701-1960.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Bahia de todos-os-santos: guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMPOS, João da Silva. *Procissões tradicionais da Bahia*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1941.

CAMPOS, João da Silva. *Procissões tradicionais da Bahia*. 2. ed. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2001.

CATEQUISTA, Sebastião. A vida venceu a morte! *Bíblia e Catequese*, [S.l.], [ca. 2018]. Disponível em: <http://bibliaecatequese.com/tag/escaton/>. Acesso em: 6 nov. 2018.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Artshow Books, 1989.

COUTO, Edilece Souza. Devoções leigas na Bahia republicana. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá (PR), v. 5, n. 15, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30207>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRETTI, Sérgio E. *Sincretismo e religião na Festa do Divino*. São Luis: UFMA, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/191>. Acesso em: 21 nov. 2021.

- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Igrejas e conventos da Bahia*. Brasília: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Mobiliário baiano*. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados*. São Paulo: Global, 2018.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOUVEIA, António Camões. Procissões. In: MARQUES, João Francisco; GOUVEIA, António Camões. *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. v. 2, cap. Humanismos e Reformas, p. 334-346.
- JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- MACEDO, Armando Costa (Armandinho); PIRES, Antonio Carlos Morais (Morais Moreira). *Chame Gente*. [Rio de Janeiro]: RCA Victor, 1985.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MONTEIRO DA VIDE, Sebastião. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. XXX II+ (Edições do Senado Federal, v. 79).
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SILVA, Cândido da Costa e. *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- SIQUEIRA, Sonia A. Religião e religiosidade: Continente ou conteúdo? In: ASSIS, Ângelo Adriano Faria de; PEREIRA, Mabel Salgado (org.). *Religiões e religiosidade: entre a tradição e a modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 143-159.
- SOUZA, Claudio Rafael Almeida de. *Oratórios em Salvador, Bahia: materialidade, visualidade e devoção*. 2022. 217 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35424>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim* (crônicas de costumes). Salvador: Itapuã, 1973.
- VILHENA, Maria Ângela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Temas do Ensino Religioso).